



Dois Dedos de PROSA

Nº95 - Recife/PE - Julho/2020

Foto: Olívia Godoy / Acervo do Centro Sabiá

AGROECOLOGIA COMO POLÍTICA DE SOLIDARIEDADE

Medida eficaz no combate ao Coronavírus, o distanciamento social precariza ainda mais as condições de vida dos mais pobres num contexto de crise econômica. Nessa hora, o apoio à agricultura familiar fortalece práticas solidárias no campo e na cidade.

Saiba mais nas páginas 4 e 5

“Novo normal” precisa ser agroecológico

Página 6

Água, direito fundamental no combate à pandemia

Página 7

Contra Covid-19, jovens se reinventam com criatividade

Página 8

Que o novo normal seja agroecológico

A pandemia da COVID-19 chega ao Brasil em meio a uma crise ambiental, política, social e econômica já instalada e funciona como catalisadora do aprofundamento das desigualdades no País. As medidas de prevenção como ficar em casa e lavar as mãos são impossíveis para uma parcela da população do campo e da cidade, que não têm casa, nem água, e a necessidade do distanciamento social reduziu a renda dos mais pobres e aumentou a fome.

Este boletim traz notícias de como a agroecologia, a solidariedade e a compreensão de seu papel político têm movido as ações do Centro Sabiá durante a pandemia. Enquanto o governo Bolsonaro nega o auxílio emergencial às famílias agricultoras, o Sabiá conecta campo e cidade através da comida numa ação de entrega de cestas com produtos da agricultura familiar agroecológica para as populações mais vulneráveis, gerando renda no campo e segurança alimentar na cidade. A alimentação saudável melhora a imunidade, tão importante para manter a saúde em tempos de pandemia.

Esta pandemia é fruto da forma como a sociedade tem se relacionado com a natureza, fazendo repensar profundamente seus padrões de consumo e prioridades. Ela fez o mundo desacelerar, mudou o ritmo da vida, mas mostrou que é possível mudar. Para existirmos como humanidade em nossa casa comum, precisamos mudar. Que o novo normal seja agroecológico!

Boa Leitura!



Dona Ilaerte e Sandra no Engenho Amaraji, Rio Formoso (PE)

Foto: Fábio Erdos / Acervo do Centro Sabiá

O DILEMA ENTRE O DIREITO AO AUXÍLIO EMERGENCIAL E A BUROCRACIA

Por Darliton Silva, comunicador popular do Centro Sabiá

Nos últimos quatro meses, através das medidas de isolamento necessárias para evitar o avanço do novo Coronavírus, da falta de emprego e da demissão em massa de trabalhadores e trabalhadoras, o Brasil entrou num cenário de recessão econômica e várias famílias tiveram perda de renda, inclusive as famílias agricultoras, fatos que estão relacionados ao modelo de sociedade em que vivemos. O contexto econômico tende a se agravar e o número de pessoas nas cidades e no campo em situação de vulnerabilidade social só aumenta.

O auxílio emergencial é um benefício financeiro destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, e tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do Coronavírus (Covid-19). No entanto, além de não atender a todas as pessoas que estão em situação delicada, o

auxílio foi negado aos agricultores e às agricultoras familiares.

O presidente Jair Bolsonaro vetou no mês de maio a inclusão de agricultores e agricultoras familiares entre os beneficiários e beneficiárias do auxílio emergencial de R\$ 600, renda que seria implementada em meio à pandemia para assistir às famílias. A falta de sensibilidade, responsabilidade e empatia do presidente da república são do tamanho do descaso do seu governo com o povo brasileiro.

Nesse contexto da pandemia, é fundamental e urgente que as organizações e movimentos sociais, o Congresso e o Senado pressionem o governo federal para que o auxílio emergencial seja ampliado e chegue para todas as pessoas que necessitam dele, sobretudo os agricultores e agricultoras familiares.

Apoio: **terre des hommes schweiz** Oportunidades para jovens

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50100.150 – Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lucia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaíde Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenador Técnico Pedagógico: Carlos Magno de Medeiros Moraes. Coordenadora Administrativo Financeira: Vânia Luiza Silva e Silva. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Gideão Patrício, Juliana Peixoto, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Iran Severino, Jullyana Lucena, Natália Porfírio e Pedro Eugênio. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Darliton Silva, Rosa Sampaio e João Lucas França (Estagiário). EDIÇÃO: Mariana Reis (DRT/PE – 3899). NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Maria Cristina Aureliano de Melo. ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana), Davi Fantuzzi (Construção Social de Mercados) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER). PROJETO GRÁFICO: Alberto Saulo. DIAGRAMAÇÃO: Thiago Almeida. IMPRESSÃO: Provisual Gráfica. TIRAGEM: 2000 (dois mil) exemplares.



Foto: Ana Lira / Acervo do Centro Sabiá

Espaço Agroecológico do Bairro das Graças, Recife (PE)

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA AUMENTAR A IMUNIDADE

Por Sonia Lucia Lucena Sousa de Andrade, nutricionista, professora aposentada da UFPE e associada do Centro Sabiá

O Guia Alimentar da População Brasileira define alimentação adequada e saudável como: *“um direito humano básico que envolve a garantia ao acesso permanente e regular, de forma socialmente justa, a uma prática alimentar adequada aos aspectos biológicos e sociais do indivíduo e que deve estar em acordo com as necessidades alimentares especiais; ser referenciada pela cultura alimentar e pelas dimensões de gênero, raça e etnia; acessível do ponto de vista físico e financeiro; harmônica em quantidade e qualidade, atendendo aos princípios da variedade, equilíbrio, moderação e prazer; e baseada em práticas produtivas adequadas e sustentáveis”*.

Uma recomendação básica, para uma alimentação saudável que aumente a nossa imunidade, deve considerar a

variedade do que colocamos no prato. Devemos combinar verduras, legumes e frutas, com carboidratos e alimentos com alto teor de fibra, como também algumas fontes de proteínas tornando a refeição mais rica em substâncias que vão nos proteger de doenças. Ou seja, esses alimentos devem fazer parte diariamente da nossa alimentação. Outro aspecto importante é o da quantidade. Comer em excesso não nos torna mais fortes e pode aumentar o nosso peso, e o sobrepeso traz a possibilidade de doenças. Se comermos devagar, mastigando bem o alimento, o próprio organismo regula a quantidade.

As principais vitaminas e minerais que podem contribuir com a nossa imunidade são a **Vitamina A** (fontes: fígado, gema de ovo, óleos de peixes, cenoura, espinafre, manga e mamão são boas fontes dessa vitamina porque contêm carotenóides,

substâncias que no organismo serão transformadas em vitamina A), **Vitamina B6** (fontes: fígado, banana, frango cozido, amendoim, lentilha, castanhas, melancia, espinafre), **Vitamina B9 ou ácido fólico** (fontes: vegetais folhosos e vísceras ou miúdos, no entanto esses últimos devem ser consumidos com moderação por serem também uma alta fonte de colesterol), **Vitamina C** (fontes: acerola, caju, mexerica, pimentões amarelo, verde e vermelho, goiabas, mamão papaya, mamão formosa, manga, se forem orgânicas sempre serão a melhor escolha), **Vitamina D** (fontes: carnes, peixes e frutos do mar, como salmão, sardinha e mariscos, ovo, leite, fígado, queijos), **Zinco** (fontes: feijões, castanha de caju, sementes de melancia, amendoim, leite integral, gema de ovo, semente de linhaça, chocolate amargo).

A AGROECOLOGIA COMO POLÍTICA DE SOLIDARIEDADE NO ENFRENTAMENTO À COVID-19

Por Alexandre Henrique Pires, coordenador geral do Centro Sabiá

No início de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia do novo Coronavírus, em função do aumento de pessoas contaminadas e da disseminação global da doença. Para conter o avanço da doença foram definidas regras e, ao longo dos meses seguintes, foram confirmadas como as mais apropriadas – sobretudo, lavar as mãos com água e sabão, usar álcool 70% e, principalmente, manter o distanciamento social. Contudo, no Brasil, cerca de 47% dos domicílios não têm coleta de esgoto e cerca de 20% não têm abastecimento de água. Se considerarmos que essas ausências se encontram principalmente entre os mais pobres, garantir a higiene adequada para essa população é muito difícil, ainda mais em um momento de crise sanitária.

O distanciamento social, como medida mais eficaz para conter o avanço do Coronavírus, tem precarizado ainda mais as condições de vida dos mais pobres num contexto de crise econômica e de uma política genocida do governo federal. Sem origem na pandemia, a crise econômica brasileira teve início com as reformas e cortes de recursos das políticas sociais, desde o golpe de 2016. Entre elas estão a reforma trabalhista; a reforma previdenciária; a Emenda Constitucional 95 que congelou os investimentos na saúde, previdência e seguridade social por 20 anos; e o corte de recursos de várias políticas sociais como o Bolsa Família, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Cisternas.



Foto: Olívia Godoy / Acervo do Centro Sabiá

Entrega de cestas agroecológicas na comunidade da Macaxeira, Recife (PE)

Assim, o agravamento da crise econômica, a retirada de direitos e os cortes de orçamento das políticas sociais têm gerado um aumento significativo de pessoas em situação de trabalho informal nos últimos anos. No Brasil, os trabalhadores informais correspondem a 41,1% do mercado de trabalho, ou 38 milhões de pessoas. Para um trabalhador ou trabalhadora informal, o distanciamento social sem o apoio financeiro do governo federal significa a impossibilidade de garantir as condições

básicas para manutenção de suas necessidades e de sua família.

Nesse contexto, o Centro Sabiá com o apoio da Fundação Banco do Brasil (FBB) e da Misereor, articulou a compra de alimentos agroecológicos de famílias agricultoras na Zona da Mata Sul, Sertão do Pajeú, Araripe e do estado de Sergipe, para doação às famílias em situação de insegurança alimentar no Recife e Região Metropolitana. Foram investidos mais de



Foto: Olívia Godoy / Acervo do Centro Sabiá

Entrega de cestas agroecológicas na comunidade do Totó, Recife (PE)

R\$ 250 mil reais na compra de 43 toneladas (43.000kg) de alimentos sem veneno; além de material de proteção, limpeza e higiene pessoal, distribuídos para aproximadamente 900 famílias e 3.425 pessoas, sendo a maioria constituída por trabalhadores e trabalhadoras informais.

R\$ 250 MIL
 NA COMPRA DE
43 TONELADAS
 DE ALIMENTOS
 E MATERIAIS
 DISTRIBUÍDOS PARA
900 FAMÍLIAS
3.425 PESSOAS

Outra ação contribuiu para o funcionamento das Feiras Agroecológicas, com material de proteção e higiene para agricultores/as, produção de material informativo e a construção de protocolo de segurança para agricultores/as e consumidores/as nas feiras. Essas iniciativas têm garantido o funcionamento das feiras e reafirmado seu papel como equipamentos públicos de abastecimento alimentar. Nesse período, a atenção do Centro Sabiá tem se voltado, prioritariamente, para a promoção da segurança alimentar e nutricional, articulada às ações de promoção da agroecologia que há 27 anos desenvolve nas comunidades rurais de Pernambuco.

ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS PARCEIROS:

- Casa Maravilhas de Teatro
- Escola Pernambucana de Circo
- Coletivos Circenses Independentes
- Rede de Mulheres de Terreiros
- Casa da Mulher do Nordeste
- Clube do Samba (Morro da Conceição)
- Grupo de Mulheres Guerreiras (Palha de Arroz)
- Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)



Foto: Olívia Godoy / Acervo do Centro Sabiá

Entrega de cestas agroecológicas na comunidade Jardim Primavera, Camaragibe (PE)

Uma ação que mostra a capacidade da agricultura familiar em produzir alimentos saudáveis e a agroecologia como prática de solidariedade entre os povos do campo e da cidade.



Foto: Olívia Godoy / Acervo do Centro Sabiá

Entrega de cestas agroecológicas na comunidade do Morro da Conceição, Recife (PE)

PANDEMIA? E O QUE NOSSO MODELO DE CONSUMO TEM A VER COM ISSO?

Por Carlos Magno Morais, coordenador técnico pedagógico do Centro Sabiá



Foto: Ana Mendes / Acervo do Centro Sabiá

Maria Uliane Alves da Silva e sua filha Emanuelle Beatriz Nunes da Silva, comunidade Poço Grande, Flores (PE)

Desde que os primeiros casos da doença causada pelo novo coronavírus foram identificados na China no final de dezembro de 2019, muitas pessoas começaram a especular o que teria causado esta doença. Vale ressaltar que o vírus já é um velho conhecido tanto na medicina humana como na animal, no entanto este vírus agora havia se transformado e estaria causando uma doença intitulada pelos cientistas de COVID-19, esta doença nova, em menos de cinco meses se espalharia pelo mundo contaminando mais de 10 milhões de pessoas e matando 500 mil. É de fato muito preocupante o COVID-19 tenha uma transmissibilidade muito alta, imagine esta característica combinada com a letalidade de 70% do ebola por exemplo, uma epidemia mais concentrada no continente africano ocorrida no final do século passado.

Desde 2018, cientistas da Organização Mundial de Saúde (OMS) estavam prevendo o surgimento de um novo vírus. Os cientistas não sabiam onde ele poderia surgir, mas sim se espalharia pelo mundo a uma velocidade impressionante e poderia fazer muitas vítimas. Segundo a OMS, existem no mundo mais de 1,6 milhões de

vírus. Destes, apenas 0,4 são conhecidos e estudados. Todos esses vírus podem ter potencial de causar doenças muito graves. A pergunta que fazemos é, então, esses vírus estão por aí? Podem causar mal a nossa saúde? Como se proteger? A resposta para essas perguntas é muito simples, a própria natureza equilibrada nos protege de todos esses males. Então nunca foi tão válido dizer que proteger a natureza é também se proteger.

O modelo em que nossa sociedade vem se organizando nos últimos dois séculos é muito diferente de tudo o que aconteceu nos últimos dois milênios, basta olhar para o nível de consumo que nossa sociedade adquiriu. Parece inevitável ter que destruir a natureza para aumentar o Produto Interno Bruto – PIB, ou para fazer o mundo mais competitivo, tudo isso de uma forma global onde todas as mercadorias podem percorrer todo o mundo em grandes barcos, aviões e caminhões parece até que a natureza não tem limites, mas ela tem, e neste momento está mostrando que romper esses limites pode causar muitos danos a população humana.

Talvez não queiramos mais voltar à antiga normalidade porque de fato foi ela que

nos trouxe até esta crise. Precisamos enquanto espécie rever nossas prioridades no planeta, nos perguntar o que é mais importante, se é ter um celular de última geração ou ter água potável? Se é ostentar milhões de toneladas de soja sendo vendidas ao mercado internacional ou proteger os povos que protegem e guardam a nossa biodiversidade?

No mais recente relatório produzido pelo Oxfam, se estima que o impacto econômico da COVID-19 deve empurrar mais de meio bilhão de pessoas para a pobreza extrema, revelando o quão injusto e desigual são os efeitos desta crise para as populações mais pobres, com certeza esta pandemia com sua recomendação básica de lavar as mãos e ficar em casa tem nos alertado para quão desigual nós somos, como pessoas que nem sequer podem ficar em casa porque moram na rua e nem podem lavar as mãos porque não tem água.

Nosso novo normal precisa ser agroecológico! Com igualdade e justiça para todas e todos!

ÁGUA, DIREITO FUNDAMENTAL NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

Por Aniérica Almeida, assessora para Agricultura Urbana do Centro Sabiá e Juliana Peixoto, assessora técnica do Centro Sabiá

Em tempos de pandemia, o uso de água e sabão tem sido eficaz para a higienização das mãos, roupas e utensílios evitando o contágio com o novo coronavírus. Esta é uma das recomendações da Organização Mundial de Saúde. Uma simples medida que salva vidas! Isso porque as pesquisas mostram que esse vírus é composto por uma camada de gordura que pode ser quebrada com a aplicação de água e sabão. Mas você, já parou para pensar que em pleno século 21 existem pessoas que ainda não tem acesso à água? Logo a água que é um bem comum e um direito universal!

Pois bem, a realidade é que comunidades inteiras, seja no campo ou na cidade, vivem diariamente com essa violação de direito. Não acessam a água! A água, que gera vida, não chega ou passa muitos dias para chegar nas casas e barracos de muitas famílias que moram nas periferias das cidades, como afirma dona Iara da Silva, da Ocupação 15 de Novembro, localizada no município de Paulista, na Região Metropolitana do Recife. “Água aqui só de oito em oito dias! Chega e no mesmo dia se acaba! Para complementar e garantir uma higiene mínima, estamos pegando água das chuvas que coletamos nas biqueiras. Aqui não temos água e nem saneamento!”

Para muitas famílias do campo, falar em água como direito também é algo muito distante. Existe um ditado popular que diz que quem guarda tem! Mas como falar para as famílias do campo que ainda não possuem cisterna para guardar água? As cisternas são consideradas tecnologias sociais que captam e armazenam água das chuvas, e para as famílias agricultoras que



Foto: Rosineide Gomes Fernandes

Renata Gomes e sua mãe Josefa Maria Gomes, comunidade Figueiras, Orobó (PE)

vivem no Semiárido, estocar é a melhor forma de conviver com as condições climáticas típicas dessa região. Trazendo para a realidade atual, ter água estocada também é a melhor forma de se prevenir contra a Covid-19.

Renata Gomes, jovem agricultora residente na comunidade de Figueiras, município de Orobó, não possui cisterna e destaca que nesse período chuvoso a água está indo embora. “Se eu tivesse uma cisterna, eu estaria mais tranquila em saber que tenho água guardada para consumo,

limpeza pessoal e da casa além de ganhar mais tempo para trabalhar no roçado e no corte de ração para os animais”. Com esse exemplo de Renata, destaca que várias outras famílias que estão espalhadas pelo Semiárido estão à espera da cisterna de 1ª água. Estima-se que em todo o Semiárido 350 mil famílias ainda não tiveram acesso a essa tecnologia para estocar água e atender suas necessidades básicas. Acesso à água é um direito que garante vida digna às famílias do campo e da cidade.

EM TEMPOS DE COVID-19, JUVENTUDE DO CAMPO SE REINVENTA COM CRIATIVIDADE E SOLIDARIEDADE

Por Dyovany Otaviano da Silva, Felícia Karoline dos Santos Panta
e José Carlos Pereira de Lima

O novo Coronavírus, doença que inicialmente afetou a população dos grandes centros urbanos, se alastrou pelos mais diversos municípios dos interiores do Brasil. Em Pernambuco, não foi diferente, vários municípios do interior do Estado apresentam números alarmantes de casos e mortes provocadas pela Covid-19. O medo de contrair o vírus, de morrer, de perder familiares e amigos é uma realidade nas comunidades rurais.

O jovem José Carlos relata que “a pandemia da Covid-19 provocou uma reformulação na forma de viver das pessoas e na condução de políticas públicas por parte do Estado. Com isso, os jovens se deparam com o agravamento das dificuldades em acessar alguns direitos considerados essenciais”. Para exemplificar, ele destaca três questões:

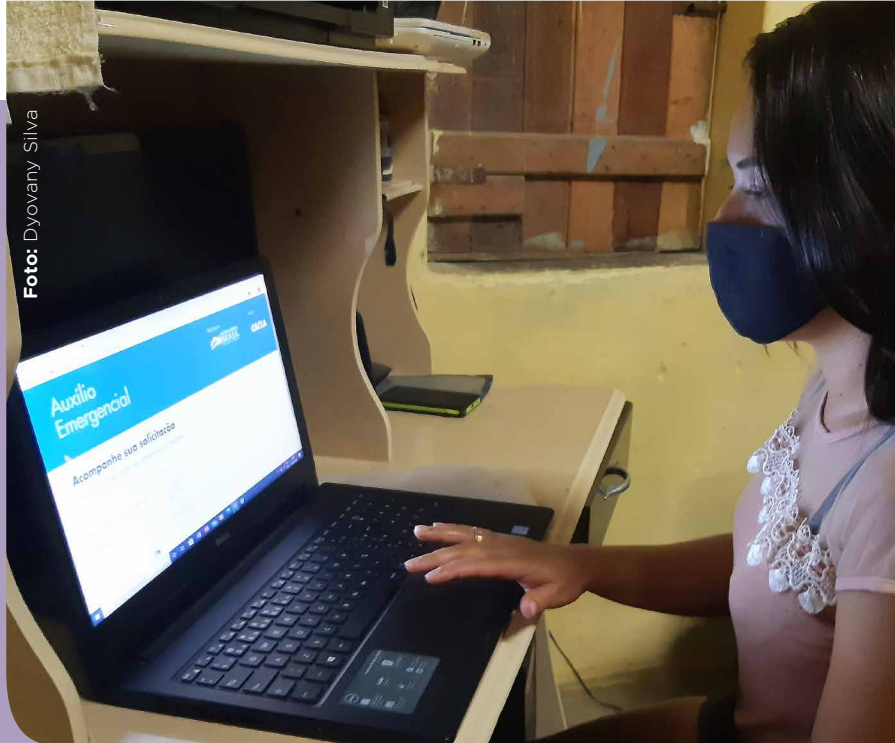
SUSPENSÃO DAS AULAS – as instituições escolares implantaram aulas remotas, mas muitos jovens não possuem acesso à internet, por vezes residem em lugares que não existe nem cobertura de sinal telefônico.

SUSPENSÃO DE TRANSPORTES – Devido ao fechamento do comércio, muitos transportes de passageiros pararam de circular, isso afeta jovens que residem no campo e trabalham na cidade em serviços considerados essenciais, o que dificulta o acesso ao emprego e renda.

AUXÍLIO EMERGENCIAL – A falta de acesso à internet também dificulta o cadastramento dos jovens no auxílio emergencial que está sendo pago pelo governo federal. “Para tentar amenizar esses e outros problemas, tenho dialogado com alguns jovens da comunidade Sítio Rendeiros, onde moro, para que possamos assessorar as pessoas na realização do cadastro no auxílio emergencial. Conseguimos distribuir cestas básicas para algumas famílias da comunidade através da associação local, e estamos cobrando constantemente que o poder público municipal adote medidas de enfrentamento e combate à Covid-19, para diminuir os impactos negativos que a pandemia está provocando na vida das juventudes”.

A pandemia afetou a vida das juventudes em diversos âmbitos e para a jovem Felícia Panta não foi diferente. Segundo ela, “com o aumento dos casos de Covid-19 no meu município houve uma mudança total da minha rotina e isso abalou a minha vida enquanto agricultora e estudante do curso de Biologia na UFRPE. Tive que lidar com algumas barreiras na comercialização dos produtos oriundos do meu sistema agroalimentar. Antes, a venda dos vinhos e licores produzidos por mim e por minha família era alta, sendo a nossa cidade um roteiro de turismo, era fácil a venda desses produtos, sempre tínhamos turistas conhecendo e comprando nossa produção. As rotas turísticas foram paradas, as lojas e feiras fechadas e eu percebi que a única forma viável de escoar a produção seria trabalhar com entregas. Então eu iniciei uma divulgação por redes sociais e comecei a realizar delivery.” Percebe-se que mesmo em meios aos desafios, em tempos de reclusão social, os jovens têm a capacidade de se reinventar e ser criativos driblando assim as dificuldades inerentes ao momento.

Foto: Dyovany Silva



Conceição Barbosa, Sítio Pangauá, Cumaru-PE



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

Nossas redes sociais:



/centrosabia



/centrosabia



/centrosabia



flickr.com/centrosabia



/centrosabia